



## O DOCE MILAGRE DAS MÃOS VAZIAS: REFLEXÕES TEOLÓGICAS E MINISTERIAIS NO “DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA”

**The sweet miracle of empty hands: theological and ministerial  
reflections in the the “Diary of a country priest”**

Rafael Omar Nachabe\*



\* Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC) e especialista em Teologia Bíblica pela mesma instituição. cursando atualmente Licenciatura em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

**Contato:**

rafaelomarnachame@gmail.com

**Recebido em:** 26/08/2020

**Aprovado em:** 09/09/2020

**RESUMO:**

Buscamos apresentar por meio desse ensaio as relações entre teologia e literatura com foco nos estudos da teologia pastoral. Portanto, propomos uma discussão que visa estabelecer os benefícios da literatura para o agir ministerial. Apresentamos uma breve discussão sobre essas interseções, prosseguindo com a interpretação de uma obra representativa para essa questão: o diário de um pároco de aldeia, de Georges Bernanos. Ao elencar as imagens ministeriais que surgem do romance, agrupamo-las em dois grandes grupos: metáforas de insuficiência e de sacrifício. Ao fim, visitamos os dados obtidos, encontrando paralelos nas Escrituras, e aplicações ministeriais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura; Ministério; Leitura; Metáfora.

**ABSTRACT:**

We seek to present through this essay the relationship between theology and literature with a focus on the study of pastoral theology. Therefore, we propose a discussion that aims to establish the benefits of literature for ministerial action. We present a brief discussion of these intersections, proceeding with the interpretation of a representative work for this issue: the diary of a country priest, by Georges Bernanos. In listing the ministerial images that emerge from the novel, we have grouped them into two large groups: metaphors of insufficiency and sacrifice. In the end, we visited the data obtained, finding parallels in the Scriptures, and ministerial applications.

**KEY-WORDS:** Literature; Ministry; Reading; Metaphor.

## **INTRODUÇÃO**

As vivências ministeriais acumulam-se a ponto de ultrapassar os horizontes de percepção do ministro cristão. Esses horizontes provavelmente serão regidos por sua educação teológica, experiências de serviço cristão e por seu imaginário. Surgem, portanto, as necessidades de elaborações sobre a construção do último aspecto mencionado. Se o imaginário é um ambiente cultivável da mente, o obreiro cristão deve, intencionalmente, prover alimento para ele.

Os olhos daqueles que pregam o evangelho estão sempre voltados para as letras e para as pessoas. Esse movimento ocular é uma constante ministerial. Nessa intervalada passagem, surgem inúmeras dinâmicas que o atrasam ou o põem em marcha no progresso do evangelho. Como multifacetada, a vida apresenta-se em movimentos não-lineares nem circulares. Pode-se dizer que o ministério cristão é a área de conhecimento pertencente às humanidades *par excellence*.

Busca-se nesse ensaio a integração Teologia e Literatura com vistas ao auxílio do servo de Cristo em seu ministério. A premissa é que tal interdisciplinaridade tem muito a cooperar em todas as áreas da teologia, inclusive em seus movimentos práticos. Para além da teorização, também consideramos essencial o aprazimento e crescimento pessoal; por isso, além de uma reflexão, esse ensaio contém um convite amplo para que haja maior contato com obras literárias.

A partir desse pensamento, surge uma obra onde encontramos as metáforas apropriadas para a reflexão ministerial. Em *Diário de um pároco de Aldeia* encontramos aquelas que julgamos serem as questões e pressões centrais de um ministério. Georges Bernanos consegue captar com clareza tais percepções a partir da caracterização de um ministério católico. No primeiro momento são discutidas as relações da teologia e literatura afunilando para suas conexões no âmbito da teologia ministerial. Dá-se, então, uma descrição geral da obra e de seu autor; buscando, no terceiro momento, a investigação explorativa das metáforas que auxiliem o ministro numa melhor formulação de suas próprias experiências. Concluímos com reflexões sobre textos bíblicos a partir dos pensamentos percebidos no livro de Bernanos, com subsequentes reflexões poiêmicas.

## 1 – TEOLOGIA E LITERATURA: *CHARACTERIBUS ET MINISTER*

“...e a cura dessa velha dor”.

C. S. Lewis

Nesse primeiro passo serão discutidas as relações da teologia e literatura de maneira abrangente, prosseguindo para as conexões concernentes ao âmbito da teologia ministerial.

### 1.1 – Definição de literatura e sua conexão com as humanidades

As definições de literatura são tantas quanto são suas materialidades. Perspectivas mudam de acordo com a visão de mundo daquele que define o que pode ser considerado como literatura. Certamente, utilizamo-nos de formas estáveis de discurso para cumprir as funções da comunicação. Estas formas estáveis de discurso podem ser estudadas diacronicamente (através do tempo) e sincronicamente (em dado recorte temporal). Nomeamo-las estáveis por fazer parte de um padrão identificável pelos falantes da língua. A partir desses gêneros do discurso pode-se perceber as diferenças entre eles, em especial no que concerne à sua estrutura e função; afinal, esses são os grandes pilares do discurso.

Segue-se que, oscilando entre os polos do estruturalismo e funcionalismo, as definições de literatura têm variado. Buscamos aqui, para os propósitos desse ensaio, uma definição abrangente que satisfaça as aplicações pretendidas. Sabendo que as estruturas servem às funções – o contrário também é verdadeiro – buscaremos entender o espaço que a literatura pretende construir, bem como, os habitantes que o pretendem ocupar.

A literatura, em contraste à filosofia, trabalha a partir dos particulares, ao não formular leis gerais sobre a vida. Os pontos focais encontrados na literatura, paradoxalmente, trabalham em prol da sua evidente universalidade. (TODOROV, 2009, p. 77) Assim, não se busca o ensino de como construir sua realidade, mas as descrições e anseios de um local para habitar. Esse é um ponto debatido, a ficcionalidade da literatura, afinal, essa não é a descrição do mundo em que vivemos, mas daquele que ansiamos habitar. O texto literário não descreve a floresta, mas podar um jardim particular. Embora

próprio, as boas construções particulares não afastam; porém, são convidativas. (FRYE, 2017, p. 16) Ao construir esse novo mundo, passa-se a outro nível de existência, não somente a domesticação da natureza, mas literarização da natureza humana.

## **1.2 – Interconexões com a teologia - Área comum entre o que é humano e divino a partir da perspectiva antropológica**

Embora o lar pretendido possa transcender ao próprio ser que escreve, é certo que a literatura é tão grande quanto o humano. (MANZATTO, 1994, p. 63) A área antropológica é, portanto, o ambiente e população da literatura. Do homem para o homem, a literatura é construída. Ao tornar o texto aberto ao público, o autor expõe da premissa da necessidade de que outros interajam com seu texto formulando novas construções e experiências. Sendo essa, em ampla consideração, sua alma exposta, surgem espontâneas conexões com a Teologia.

Desse ponto de vista, a Antropologia é percebida como disciplina teológica, e, estrutura fundante da literatura. Os estudos teológicos podem encontrar laboratório nas descrições literárias. São, claramente, espaços de pensamento afins. Pensemos no aporte temático: a teologia oferece seus temas e questões fundamentais como material para os textos literários. (idem, p. 65) Esses, com múltiplas abordagens, são presença frequente nas obras de literatura. Em via contrária, os temas abordados nas peças literárias, podem ser pensados e sistematizados teologicamente. As áreas práticas da Teologia Cristã se servem fartamente nesse ponto, afinal, deve haver revisões no seu modo de lidar com o humano.

## **1.3 – O cristão e a literatura**

Essas subdisciplinas práticas da Teologia são caracterizadas por seu uso: Apologética, Evangelismo, Discipulado, Teologia da Família, Teologia Ministerial, entre outras. Uma maneira de categorizá-las de maneira geral é nomeando-as de *teologia prática*. Eugene Peterson (2008, s.p.) dá-nos uma boa definição, percebendo-a como a atenção que a comunidade cristã dá ao pensamento teológico sistemático em conexão íntima ao modo como se vive com Deus. São as áreas que interessam à comunidade, bem como, às dinâmicas de experiência. A literatura assume caráter similar pois o escritor: “[...] não faz a imposição de uma tese, mas incita o leitor a formulá-la: em vez de impor,

ele propõe, deixando, portanto, seu leitor livre ao mesmo tempo em que o incita a se tornar mais ativo." (TODOROV, 2009, p. 78).

#### 1.4 – Teologia pastoral/poiêmica e a literatura

Os ministros cristãos são constantemente confrontados em seus limites. Sua formação teológica e experiência própria mostram-se, em muitos momentos, insuficientes em certos períodos de seu serviço. As insuficiências variam de conhecimento teórico à pura espiritualidade. Raramente o ministro cristão conseguirá dimensionar e fazer separação perfeita dos tópicos que envolvem suas ações e pensamentos. Partindo desse princípio, percebe-se que se faz necessário o alargamento da visão de realidade para o servidor cristão.

É urgente o aprofundamento constante do “conhece-te a ti mesmo”. A interrogação contínua sobre si mesmo é fundamental para o servo de Cristo, boas leituras ajudarão no processo: “Quando leio boa literatura, torno-me mil homens e continuo sendo eu mesmo” (LEWIS, 2009, p. 141) Além da autorreflexão, a literatura será grande auxílio no conhecimento de outrem: “Sendo o objeto da literatura a própria condição humana, aquele que a lê e a compreende se tornará não um especialista em análise literária, mas um conhecedor do ser humano” (TODOROV, 2009, pp. 92-93). Dessa dupla perspectiva, o olhar interno e comunitário, será feito através da visita de outros campos que não sejam de sua própria experiência. Além dos habitantes, perceberá novas paisagens, novos pontos de vista e novas maneiras de dizer as mesmas ideias.

Que outra área de atuação coloca sobre uma pessoa a responsabilidade constante de falar a um grande público sobre a variada gama dos assuntos majestosos da existência? Gloriosas e temíveis realidades descritas semanalmente de pessoas comuns para pessoas comuns. Certo distanciamento faz-se necessário para quem carrega tal fardo, esse alienamento temporário para fins de observação é possibilitado pela literatura (MANZATTO, 1994, p. 69). Ela, emula, simula e estimula a nossa velha dor, e possivelmente, sua cura. Passaremos a considerar uma obra literária que trata a fundo das experiências pastorais a partir das perspectivas do *diário de um pároco de aldeia*.

## 2 – DIÁRIO DE UM PÁROCO DE ALDEIA

### 2.1 – Autor e obra – contexto autoral

Georges Bernanos foi descrito por muitos como um personagem quase quixotesco com ares de reformador. Buscava a vivência de um Cristianismo católico autêntico, fato esse perceptível em suas obras. Tendo atuação política intensa em seu país de nascimento – França – exila-se com sua família para o Brasil, em razão do armistício entre França e Alemanha no contexto da 2ª guerra. Deve-se observar que seu exílio é autoimposto, vem com a família e mora sete anos em Pirapora e outras cidades do Rio de Janeiro. O romance que o lança ao conhecimento do público é *Sob o Sol de Satã*, conseguindo maior reconhecimento e prêmios com o *Diário de um Pároco de Aldeia*.

O autor francês é reconhecido pela tentativa de consertar um mundo que não tem conserto. Dentre várias atitudes, destacam-se a recusa de altos cargos e honrarias no governo da França (pós-guerra). Suas obras buscam popularizar as ideias católicas por meio da literatura. Os movimentos de amadurecimento do autor são percebidos no decorrer de suas obras. Em *o diário de um pároco* não mais transparece o jovem pronto a destruir as hordas satânicas com a cruz empunhada, mas sente-se a incorporação do espírito das bem-aventuranças. Há a grande percepção na qual as grandes aventuras dos santos desenrolam-se no fluxo ordinário da vida.

### 2.2 – Contexto literário – caracterização da obra

Há particularidades dignas de nota na estrutura da obra em questão. Categorizaremos de maneira dupla *o diário*. Como explícito em seu próprio título, trata-se de uma narrativa fundamentada a partir da escrita de um diário pessoal. Esse é caracterizado por uma escrita particular e confessional. Daí, pode-se entendê-lo como *Romance Confessional* que busca um tom mais filosófico em suas ideias, e intimista em relação ao que escreve. Parte-se da subjetividade com um estilo divagante e emocional, percebendo a própria personalidade como uma mescla de contradições e paixões (CABRAL, 2020).

Por outro lado, pode-se caracterizá-lo como um *Romance Católico*. Destaca sua confessionalidade em relação à defesa da teologia católica. Têm-se como temas centrais

a redenção do pecador, substituição mística/redenção divina, crítica ao materialismo, celebração da busca incansável de Deus pela alma errante. (BALTHASAR, 1996, p. 65). Esses temas se integram num propósito principal que é encarnar um Cristianismo que contraste com uma cristandade mundanizada.

### 2.3 – Resumo do romance

Seu romance é narrado em primeira pessoa, traçando as vivências de um padre em uma pequena cidade rural. O título original em francês é *Journal d'un Curé de Campagne*. Desse, algumas traduções trazem “cura” ao invés de “padre”; cura é um sinônimo pouco usado, mas, tem o mesmo significado de padre. “Aldeia” também deve ser vista não como um ajuntamento rural, mas uma cidade pequena: contexto urbano, porém, não metropolitano. Essa cidade é Ambricourt, local onde o romance é ambientado. O território fica na França sendo limítrofe com a Bélgica. O autor utiliza-se de um dispositivo retórico proveniente da Bíblia, ao tornar seu autor principal um anônimo. O pároco não tem nome, enquanto outros personagens o têm.

Pela estrutura já referenciada, o texto não segue a estrutura cronológica e episódica comum aos romances em geral. Por isso, torna-se árduo falar de um enredo seu. Sendo um padre jovem e sentindo-se incapaz em muitas áreas, ele encontra alívio na escrita de um diário pessoal. Observa-se no decorrer da história suas experiências com sua paróquia sendo descritas como episódios de autorreflexão. O cura padece de uma grave enfermidade. À medida que seus pensamentos são desvelados, ele sobe o calvário ao encontro da morte. Seu último momento é o ápice do romance.

### 2.4 – Conexões com o ministério cristão

Em sua *magnus opum*, Carpeaux (2008) aponta em relação a Bernanos: “Suas obras de ficção nos colocam antes em face de problemas humanos do que de problemas literários; o que fala, do ponto de vista da crítica, contra ele; mas é, ao mesmo tempo, sua honra e sua glória.” (p. 2742) Essa é a glória do escritor que buscamos para nossas reflexões. A alma do santo-herói, é o mapa aberto das miríades de encruzilhadas a serem interpretadas, acima de tudo, o *momentum* onde o caminho da morte cruza com o caminho

da vontade divina. Prosseguiremos para a exploração das metáforas lidas na obra, que auxiliem o ministro numa melhor formulação de suas próprias experiências.

### **3 – METÁFORAS MINISTERIAIS**

“O inferno é a ausência de amor”.

Georges Bernanos

Nessa seção, focando na obra do autor francês, serão usadas duas traduções para português, buscando uma melhor fluidez do texto, serão referenciadas passagens do romance com a grafia *diário*, seguido de página e a letra *a* ou *b*<sup>1</sup>. As passagens e temas são selecionadas e cientes de que não esgotam a obra em sua riqueza. Focaremos em dois grandes conjuntos de imagens: O obreiro cristão como diminuto e suas percepções de insuficiência – O servo cristão como cordeiro sacrificial e suas metáforas de substituição.

#### **3.1 – O obreiro como diminuto: percepções de insuficiência**

O padre anônimo é descrito como alguém jovem que se encontra cercado pelos constrangimentos de suas limitações. Percebe-se isso por seu diário e pelas reações das pessoas a ele. Além de uma extraordinária história sobre um ministério ordinário, essa também é uma história sobre um santo ordinário. Sabe-se que ele não tem boas condições financeiras, nem vem de uma rica família. Entretanto, suas limitações também são explicitadas por sua aparência física: a doença que o consome pode ser percebida pelos paroquianos.

Suas limitações financeiras o levaram a vestir-se com roupas rotas, bem como, a comer parcamente. A última questão também se justifica por suas dores de estômago. Pressionam sobre ele o auxílio de uma servente da igreja que o ajude nos afazeres domésticos, fazendo-o apertar mais seu orçamento. De um lado há a própria restrição, do outro, a pressão social e autoimposta. Ele preocupa-se com as opiniões dadas sobre seu

---

<sup>1</sup> A – para a edição mais antiga (ed. Agir, 1951) B – para a edição mais recente (ed. É realizações, 2011)



modo de vida: “Tenho medo de pensarem que estou querendo exibir minha pobreza. Quanta coisa podem pensar!” (*diário* – a, p. 38) Suas preocupações surgem especialmente de suas relações com a família abastada do conde daquela localidade.

Alguém que se interpreta constantemente como ridículo (*diário* – b, p. 40), e não abandonou completamente suas aspirações alegres de outrora. Olivier, o veterano piloto de motos, faz surgir os desejos soterrados pelas circunstâncias em sua vida. No caminho para sua jornada final, encontra Olivier que lhe oferece carona em sua motocicleta, e, sua amizade. Em retrospectiva o pároco percebe: “Nunca fui jovem, porque ninguém o quis ser comigo” (*idem*, p. 224) Seu desejo de viver e experimentar a juventude permanecia intacto, enterrado em seu coração de pároco. Aquela experiência o fez raiar como o sol (*idem*, p. 225). Ele era um homem como outro qualquer.

Em contraste com o servo anônimo, Bernanos tece sua trama com personagens nomeados que lhe serão confrontadores em vários níveis. Por sua maior frequência nas páginas e pela própria percepção do personagem, o vigário de Torcy é a maior contraparte do jovem padre no romance. Esse é descrito como um homem pragmático e sábio, sendo refúgio amigável para longas conversas. Olhando para si mesmo, o cura pensa: “Tenho medo de nunca vir a ser um homem prático” (*idem*, p. 36) Ele é constantemente advertido pelo padre de Torcy em relação ao seu idealismo. O vigário é o homem que teme a loucura dos santos, e preocupa-se com o modo como captará as ofertas da cristandade.

Nosso padre admira em seu amigo a coragem e liderança. Contrastando a insegurança e fragilidade do cura, o pároco de Torcy ministra sob a tríade humanística: controle, respeito, obediência. Em dias próximos, a tríade poderia ser invertida - e igualmente controladora - por parte dos ministros: liberdade para pecar, respeito aos pecados, obediência a Satanás. As aplicações de poder, sobretudo perpetradas pelo Cristianismo, são estudadas por Foucault (2012) como prática, ou seja: em suas sujeições de corpos, gestos e comportamentos (p. 283). Nisso encontra-se o profundo diferencial do santo; esse não exerce poder em nome de Cristo - em suas chagas e sofrimentos ele fala por boca de Cristo. A rejeição é esperada à luz dessa atitude, o que foi profetizado por Cristo e igualmente romanceado por Dostoievski na história do Grande Inquisidor.

O personagem principal, por sua vez, não sabe como alçar sua voz aos céus, nem às multidões. Por vezes, não consegue elaborar suas orações. Faltam-lhe forças em suas

devoções diárias. Há demonstração disso a partir dos riscos no diário – avistando apenas algumas palavras legíveis: “Tumulto de ideias, de imagens, de palavras. A alma se cala. Deus se cala. Silêncio.” (*diário* – a, p. 117) Surge o medo de não ser fiel às palavras de Deus por meio de sua comunicação com os fiéis. Conta quando, ao pregar, utilizou-se de uma bela metáfora. Foi interpretado, com condescendência de um fiel, como tendo feito um “[...] belo voo de oratória. Senti vontade de entrar terra adentro.” (*diário* – b, p. 33) Esse temor, leva os padres inexperientes a refugiarem-se em austeras lições doutrinárias, com linguagem gasta e distante dos perigos (*idem*, p.30)

O pároco é percebido pelos outros como uma criança. Em comparação aos vigários práticos e aos adultos da paróquia, lhes parecem estranhos os modos e pensamentos do padre. Chantal é a filha revolta do conde, embora sendo mais jovem que o padre, age como superior a ele imputando-o inocência em demasia. Mesmo as crianças que frequentam a catequese zombam dos “olhos meigos” do padre. Está evidente o paralelo bíblico da bem-aventurança em ser criança dentro do Reino dos céus.

O idealismo vem da inexperiência do padre ou do contato puro com a fé? O autor não permite que os anos de vida provem as teses do pároco, mas dá-lhe a morte digna de um santo. Entretanto, há de se perceber que os grandes eventos na vida do cura são pequenos aos olhos dos grandes. Bernanos faz-nos ver as gloriosas realizações de um servo simples. Como alguém que não tem nada senão pobreza de espírito é o pároco de Ambricourt. Sendo ele um canal e não repositório da graça divina, o retrato do obreiro cristão na obra do autor francês é desenhado como: "Um miserável mendigo indo de porta em porta com a mão estendida." (RIKEN, 2012, p. 69) As grandes histórias de leito de morte não podem se igualar à frase final do jovem padre: “Que importa? Tudo é graça!”

O autor francês retratou o sacerdote, não no desempenho das suas “funções sacras”, mas no diálogo com os pecadores, na inevitabilidade das situações difíceis; humanamente exposto e ainda assim aventurando-se em cada caso individual para os quais teorias não mais bastavam, e em que o crucial era a capacidade de tomar decisões cristãs corretas e imediatas sobre o base da visão dada pelo Espírito Santo. Bernanos mostrou-nos o padre em oração. Essa oração, entretanto, não era de forma alguma um refúgio seguro contra os perigos da ação, mas sim no ato de se tornar ainda mais exposto diante de Deus.

A construção do herói é a mesma do santo comum, esse que é ridículo, mas percebe que: “O ridículo anda, sempre, tão próximo do sublime!” (*diário – a*, pp. 71-72) O equilíbrio cristão está ancorado, em última análise, no mistério sobrenatural de Cristo, ou seja: não está nas qualidades naturais de caráter do herói (como poderia Pedro tornar-se uma rocha?) nem em uma fórmula sistemática que pode ser analisada e compreendida racionalmente (BALTHASAR, 1996, p. 24). Certamente, sendo o enredo do herói núcleo para a maioria das histórias contadas pela humanidade, essa é a grande glória da literatura cristã: apresentar heróis que vencem por suas fraquezas. A reviravolta é um elemento literário essencialmente cristão.

Os paradoxos que afligem o obreiro operam das camadas mais básicas às mais complexas. Nosso personagem percebe isso na sua falta de método para remir o tempo, provocada pelo tempo perdido ao pedalar de compromisso em compromisso (*diário – b*, p. 33) Sempre renasce o contraste entre o mundo espiritualizado e o dar palha aos bois. Das percepções de insuficiência alimentadas pelos paradoxos, conclui: “Só depois surgiu o medo. Quando olhei para as minhas mãos vazias, compreendi que sou, apenas, um pobre vaso quebrado.” (idem, p. 122).

### **3.2 – O obreiro como cordeiro sacrificial: imagens de substituição**

As metáforas de sacrifício aplicadas ao obreiro cristão abundam nessa obra. A alimentação constante do padre aponta simbolicamente para essa percepção. Pela fraqueza de seu estômago pode apenas comer pão molhado no vinho, havendo aqui, uma clara referência aos elementos da comunhão sacramental. O alimento que sustém o padre é o próprio Cristo, tal é a identificação que, tal como Jesus, esse oferece sua vida como sacrifício.

A sombra da morte assombra o pároco de Ambricourt por todo o romance. Contudo, não devemos pensar que apenas sua própria morte o preocupa – duas mortes são partes centrais da história em seus efeitos para com o personagem principal. Mencionamos a primeira morte, de um médico da cidade que examina o jovem padre. Dr Delbende mostra-se extremamente cínico em relação à fé e à vida. Após algum tempo surge a notícia de sua morte. Paira a dúvida de sua causa: é encontrado morto com um

tiro de sua própria espingarda durante a caça; seria um acidente ou suicídio? A culpa pesa sobre o pároco: deveria ter adivinhado a sombra do suicídio em seu olhar?

A morte central na história é a da condessa após uma intensa conversa com o cura. O centro do conflito da casa do conde é a morte prematura do filho da condessa e a revolta da filha do conde em relação à falta de amor por parte da família. Durante uma de suas visitas ao castelo, nosso ministro trava uma intensa conversação com a condessa para tratar de suas antigas feridas relacionadas à perda de seu infante. Essa é uma das grandes cenas do livro, igualmente, um dos pontos onde vemos a fraqueza do pároco tornando-se em força, inflamando-o com força sobrenatural em seus debates verbais com aqueles que não parecem ter salvação.

O padre luta para mostrar que o luto sem fim da condessa não é excesso de amor, mas falta. Passo a passo, e corajosamente, o padre derruba as muralhas do coração daquela mãe, apesar de seus protestos: “Os padres se calaram mais que deviam” (idem, p. 155), diz ele. A condessa julga excessivo o julgamento do padre, pois condena-a ao inferno. O veredito é que ela separou-se do amor divino em nome de sua perda. O inferno, ela precisa entender, é a ausência do amor (idem, p. 163). A frase proferida pelo padre atinge-a tão profundamente que ela pede para que seja repetida. O gesto que prova sua resignação completa da revolta é o lançar do cordão com a foto do filho falecido à lareira. O pároco recebe uma carta contendo o cordão queimado da condessa ao chegar em casa. Pouco tempo depois, noticia-se a sua morte.

Antes de sua própria morte, o padre experimenta outras mortes em si mesmo. O conflito entre o que é natural ou espiritual, assim como na morte do médico, repete-se aqui. Morrerá a condessa pelo excesso de emoções ou Deus estava esperando o momento de sua conversão para levá-la? À semelhança de Elias, após a chacina no monte Carmelo, logo o padre é confrontado com acusações após sua grande realização espiritual. A família considera-o culpado pela morte da condessa. Seus excessos sentimentais haveriam causado o infarto. O obreiro experimenta a morte daqueles que serve e é substituído em outra perspectiva – trecho da carta enviada pela condessa: “A desesperada lembrança de um pequenino morto conservava-me alheia a tudo, numa tremenda solidão. Agora, parece-me que outro filho arrancou-me desta solidão [...] O senhor é uma criança.” (idem, p. 166).

As afrontas que Chantal profere são pesos constantes: “[...] me matarei! O senhor há de responder por isso, um dia diante do bom Deus lá do Senhor.” (idem, p. 125) Adiciona-se o fato das próprias crianças não o respeitarem. Menciona-as em geral com destaque para Serafita, a melhor aluna do catequismo. Entretanto, logo se percebem suas intenções zombeteiras, a ponto de levantar sua saia com ares de mulher feita: “Meu Deus, crianças são crianças, mas a hostilidade desses meninos? Que lhes fiz eu?” (idem, p. 32) Após esse evento, o pároco fala de um pensamento que lhe velou como um anjo: “Os frades sofrem pelas almas. Nós sofreremos em lugar delas.” (ibidem).

O pensamento sacrificial é consolador, mas não é panaceia para todas as dores do ministério: “‘Sofrer pelas almas’; repeti a mim mesmo, a noite toda, essa consoladora frase. Mas o anjo não voltou.” (idem, p. 34) A percepção de que se está conectado ao Salvador, tão grande seja sua glória, não nos priva de sofrer. Segue-se que mesmo sendo cordeiro substituto, não se tem direitos de controle da igreja de Cristo; mesmo que ele tenha nos posto para derramar cada gota de nosso sangue por seu povo, ainda não seria o suficiente para os possuir (idem, p. 43) Esse é o cordeiro anônimo que será objeto de reflexões a seguir à luz de textos bíblicos e na busca de aplicações para a poiêmica.

#### 4 – INCURSÕES ESCRITURÍSTICAS E POIÊMICAS

“O doce milagre das mãos vazias”.

Georges Bernanos

##### 4.1 - Paralelos com a Escritura

As descrições do servo como cordeiro que sofre em substituição ao povo de Deus encontram paralelos claros na Bíblia. É claro que não se pretende um esforço exegético, mas, uma efetivação clara dos paralelos traçados entre a obra literária e a linguagem teológica. Romanos 8:36 e Colossenses 1:24 são exemplos de textos onde Paulo traça a trajetória dos sofrimentos de Cristo em continuidade com os sofrimentos de seus servos pelo caminho do discipulado. Assim, a experiência de ser ovelha a caminho do matadouro e de completar o que falta dos sofrimentos de Cristo é universalizada para todos os cristãos.

Além de experimentar profundos paradoxos em si mesmo, o obreiro cristão experimenta-os em relação às suas ovelhas. Em 1 Coríntios 4:9-13 Paulo considera-se, em conjunto aos demais apóstolos, como pessoas marcadas pela morte e miséria. Esse estado rebaixado é espetáculo para o mundo e contrasta com a confortável posição daqueles irmãos. A publicidade dos sofrimentos é uma ênfase nos textos Paulinos, nomeando essa *via crucis* apostólica como ser conduzido em triunfo (2 Coríntios 2:14). Fazendo referência à procissão daqueles que são levados para morrer no Coliseu Romano. Ironicamente, o triunfo cristão, tem outra interpretação para mundanos olhos: morte e sofrimento. Mesmo o fim de sua vida, olhando em retrocesso e para o eminente martírio, Paulo interpreta-se como sacrifício derramado diante do Senhor. Sua carreira termina com o gastar completo de sua vida (2 Timóteo 4:6-8).

#### **4.2 - Aplicações para as metáforas de insuficiência: realismo romântico**

É constante a luta de Bernanos e de seu pároco contra uma cristandade superficial cujo comportamento emula certo tipo de fé cristã comportamental ou terapêutica. As páginas que abrem o romance são notáveis para aqueles que fazem sua primeira leitura, nelas o autor descreve a batalha travada pelo pároco pelas almas de sua paróquia. Há a busca de uma retomada do sentido de Cristianismo e fé perante o cinismo e falsidade.

Percebendo normalidade do rebanho, escreve a linha inicial: “Minha paróquia é uma paróquia como as outras” (*diário* – b, p. 1) Porém, igual também é a doença que aflige todas as igrejas: “Minha paróquia é devorada pelo tédio, eis a palavra. Como tantas outras paróquias!” (ibidem) Passa o autor a descrever o que entende por tédio: como uma poeira fina que desce insistentemente sobre todos, mistura-se às comidas e bebidas. Em outras palavras: acostuma-se ao tédio diante da fé. O mundo é devorado pelo tédio, a solidão da paróquia é a solidão do pároco, iguais são seus desafios. Na luta contra o tédio e a religião formal, estaria o servo de Cristo diante de uma tarefa de Sísifo ou de um trabalho Hercúleo?

Mediante a falta de resposta e rejeição dos fiéis, entende-se que se requer a paciência de Sísifo e o heroísmo de Hércules, a um só tempo, do obreiro cristão. Esse comprimir-se entre duas realidades é um dos pontos descritos por C. S. Lewis como o caminho de volta para o Senhor, em seu caso, entre o Racionalismo e o Romantismo. Sendo a razão o órgão da verdade, observação da lógica e ordenação do mundo, e, a

imaginação o órgão do sentido: percepção de que há algo mais que o mundo observável. Somente a junção desses dois aspectos poderia dar plena luz à existência.

Tal conceito foi aprofundado para a teologia pastoral como *Realismo Romântico* por Zack Eswine (2016, pp. 322-323). Ele fala daqueles ministros que se ressentem em morrer anônimos num ministério desconhecido, e, daqueles que já se resignaram em não fazer nada grandioso para o Senhor. A radicalização do Racionalismo – aspectos formais e materiais do ministério, e a radicalização do Romantismo – a espera frequente do milagre e das bênçãos extraordinárias, pode acarretar consequências graves para o servo de Cristo. A perda do senso de realidade, ou da esperança, podem matar ministérios e ministros. O *diário* é um eficiente antídoto para formas idealizadas de ministério.

Vivemos apertados pelo extraordinário e o ordinário. Entre o que pode ser racionalizado e o que é espiritualizado. Entre nossas agendas e nossas incompetências. Entre a vida que brota e o pecado que insiste em refohar. O cristão deve ser humilde, quanto mais o ministro! O pastor descobre a humildade de maneira mais intensa.

#### **4.3 – Aplicações das metáforas de sacrifício: Teologia da cruz**

Bernanos, se formos resumir o enredo, descreve a paixão do pároco de Ambricourt. Quando voa em retórica pensando no formato do rosto de sua paróquia, o padre resume os anseios dos servos de Cristo: afinal, a quem servimos? Desejamos enxergar sem sombras o rosto daquele povo; por que há rejeição, rejeita-se a nós ou ao Senhor? Assim como confundem-se Senhor e servo, confundem-se o rosto da noiva e do noivo: sacrifica-se pela noiva por causa de seu marido. Servimos a Cristo, em última análise.

O pastor é constantemente confrontado por miríades de teologias que lhe são trazidas ou nascem espontaneamente em seu coração. Ao estudarmos a teologia da cruz de Lutero, logo apresenta-se sua contraparte: a teologia da glória. Essa é a alimentação de nossas expectativas e desejos mais românticos para o ministério. Mesmo boas leituras, como biografias, podem alimentar secretamente tal padrão mental. Por outro lado, a burocracia espiritual e as questões do evangelho que nos tentam à vergonha podem nos conduzir por dois pensamentos teológicos. De maneira moral, ao confrontarmos pecados, disciplinas, constrangimentos de toda espécie, vemos a teologia da esperança brotando

em nossos corações. Um tipo de existencialismo que tornaria as labutas pastorais mais leves. Esperança descabida que as coisas se organizarão ao final do dia. Por outro lado, atraí-nos a teologia da abertura de Deus: ao assistirmos impotentes as lágrimas de nossas ovelhas, no sentir a garganta seca de palavras. O medo invade nosso ser, medo de sermos amigos de Jó, ou inúteis ministros. Seria mais fácil explicar os porquês do vento que não sabemos para onde vai.

Notável a semelhança entre a defesa de Bernanos com a teologia da cruz de Lutero. Pode-se resumi-la da seguinte maneira: “A auto-revelação de Deus deve ser buscada principalmente nos sofrimentos e na cruz de Cristo, ao invés da atividade moral humana ou nas estruturas da ordem criada.” (McGRATH, 2011, p. 213). Lutero considera o sofrimento, também, como processo necessário para formação de um teólogo: “Tentatio — tribulação, o espinho na carne — é a contribuição involuntária de Satanás para nos tornarmos bons teólogos.” (LUTERO apud PLASS, 1959, p. 1359).

Deus é particularmente conhecido por meio do sofrimento. Lutero aqui reflete a tradição agostiniana, que enfatiza o contato imaginativo e empático com os sofrimentos de Cristo. No entanto, uma verdade espiritual muito mais profunda está envolvida: o entendimento fundamental da *theologia crucis* não é meramente que Deus é conhecido por meio do sofrimento (seja o de Cristo ou do indivíduo), mas, que Deus escolhe ser conhecido por meio desse sofrimento. Para Lutero, Deus é ativo nessa questão, ao invés de passivo, no sentido de que o sofrimento e a tentação são vistos como meios pelos quais Deus quebra as barreiras do orgulho e da ignorância, que inibem as pessoas de discernir a presença e o propósito divinos (McGRATH, 2011, p. 214). A partir dessa intencionalidade, percebem-se as aflições como desejáveis para a destruição de pecados pessoais do ministro. Além disso, quando os sofrimentos nos conduzem para próximo de Deus, o resultado teológico será sentido pela congregação.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Um meta-comentário: a própria escrita de um diário ensina-nos. Há a consolação do diário, um amigo feito à sua imagem, como ele o chama. Além da questão de solidão e companhia, a escrita de um diário incita a autorreflexão. O pastor, de maneira prática, pode retirar valiosas lições desse livro. Pensemos nas construções práticas que o pastor pode empreender a partir da literatura. Busca-se a edificação do servo que é amante – que



sente pelas pessoas/mundo. Esse refinar do sentimento de seu coração o levará ao âmbito do pensamento, onde percebe-se como obreiro que é pensador, ou seja, está sempre estudando para ministrar aos seus. A partir de suas leituras será levado a ser um melhor tradutor, alguém que sabe colocar em palavras certas o enredo bíblico ao evangelizar e discipular. A tarefa que conjuga as anteriores, e tem muita probabilidade de ser beneficiada com a literatura, é a labuta sobre o púlpito.

O pároco de Ambricourt pode ser entendido como um cordeiro anônimo – união das metáforas de insuficiência e sacrifício. Saber viver apertado entre vários entre espaços da realidade é o objetivo do pastor. É interessante perceber que o entreposto é cansaço e caminho. Ele precisa existir pois somos seres temporais. Ao mesmo tempo que marca divisões e uniões, o entre também é imperativo. “Entre pela porta!”; portais são passagens, contém dois mundos separados e unidos em seus umbrais. A realidade presente é porta e ordem para entrar. Entremos, pois, embora difícil passagem, logo entraremos no gozo do mestre. Se há cêntuplo de casas aqui, apenas uma há com Ele.

As ironias da graça são expostas na narração da morte do pároco, tendo como último confessor um padre desviante, seu ex-colega de seminário. As gloriosas inversões da Escritura não perderam a validade. A graça divina ainda se regozija em trabalhar por vias estranhas à luz de olhos pecaminosos. A graça divina ainda se alegra em ser reconhecida como graça. Se, no mundo, os obreiros não conseguirem avistar essa gloriosa verdade, quem mais poderia ver com eles? Quanto a si mesmo – a gloriosa graça de esquecer-se de si mesmo; quanto aos outros – que importa? Afinal, tudo é graça!

#### **REFERÊNCIAS:**

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: antigo e novo testamentos. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

BALTHASAR, Hans Urs Von. **Bernanos**: An Ecclesial Existence. San Francisco: Ignatius Press, 1996.

BERNANOS, Georges. **Diário de um Pároco de Aldeia**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1951

BERNANOS, Georges. **Diário de um Pároco de Aldeia**. São Paulo: É Realizações Editora, 2011.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental** – 3. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

ESWINE, Zack. **O pastor imperfeito**: descobrindo a alegria em nossas limitações através do aprendizado diário com Jesus. São José dos Campos, SP: Fiel, 2016.

EUNICE, Cabral: s.v. "Literatura Confessional", **E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)**, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9, <<http://www.edtl.com.pt>>, consultado em 24-08-2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25ed. São Paulo: Graal, 2012.

LEWIS, C. S. **Um experimento na crítica literária**. São Paulo: UNESP, 2009.

MANZATTO, Antônio. **Teologia e Literatura**: Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

MCGRATH, Alister E. **Luther's theology of the cross**: Martin Luther's theological breakthrough. West Sussex, UK: Blackwell Publishing, 2011.

PETERSON, Eugene H. **Christ Plays in Ten Thousand Places**: A Conversation in Spiritual Theology. Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing Company, 2008.

PLASS, Ewald M. (compiler) **What Luther Says**: An Anthology, (Vol. 3). St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1959.

RIKEN, Leland. **Pastors in the classics**: timeless lessons on life and ministry from world literature. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2012.